

A ARTE EM LUTA

PESQUISA LIVRE SOBRE ARTIVISMO, MEIO AMBIENTE E COLAPSO CLIMÁTICO



REALIZAÇÃO: CONDÔ CULTURAL

COORDENAÇÃO: JONAYA DE CASTRO

NOVEMBRO DE 2021

ESSA PESQUISA FAZ PARTE DO PROJETO CONDÔ ECOCULTURAL - INADIÁVEL FUTURO

<https://www.instagram.com/condocultural/>



Patrocinado com recursos do Fundo Internacional de Ajuda do Ministério Alemão das Relações Exteriores da República Federal da Alemanha, do Goethe-Institut e de outros parceiros:

www.goethe.de/hilfsfonds



S . F I S C H E R
S T I F T U N G



The image features a background of a forest with tall, thin trees. A large, irregular orange shape is overlaid on the right side of the image, containing the text. The text is in a bold, sans-serif font, with some words in white and others in a dark teal color that matches the forest background.

**O INADIÁVEL
FUTURO
DO PETRÓLEO
É EMBAIXO
DO SOLO,
O INADIÁVEL
FUTURO
DA FLORESTA
É EM PÉ**

Caminhamos aceleradamente para o aquecimento do planeta de 1,5°C acima da temperatura normal. Esse limite é o máximo que podemos alcançar, segundo cientistas e estudiosos para se evitar piores desastres e impactos sobre a vida na Terra e extinção de diversas espécies, incluindo a espécie humana.

De acordo com estudos do IPCC
(Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima),
JÁ ESTAMOS EM UM CENÁRIO DE COLAPSO CLIMÁTICO.
Enfrentaremos desastres ambientais irreversíveis
se não desacelerarmos o consumo de
combustíveis fósseis e o desmatamento das florestas
no planeta, entre diversas outras ações humanas.



TRANSIÇÃO DE MODELO CULTURAL

Um novo rascunho do acordo final da Cúpula do Clima de 2021 (COP-26), ocorrida em novembro de 2021, em Glasgow, manteve a demanda básica para os países definirem planos de enfrentamento do aquecimento global. A proposta é que os países acelerem “os esforços em direção à eliminação progressiva da energia a carvão e dos subsídios aos combustíveis fósseis”, mas, em uma nova emenda, agora aponta que as nações reconhecerão “a necessidade de apoiar uma transição justa”, uma referência aos pedidos de assistência financeira aos países em desenvolvimento.

A ideia de “transição justa” surgiu nos Estados Unidos na década de 70, durante a greve que foi denominada a primeira greve ambiental pelo Sindicato dos Trabalhadores em Petróleo, Química e Atômica (OCAW: Oil, Chemical and Atomic Workers Union), por questões de saúde e segurança nas refinarias da Shell. Falaremos mais da Shell ao longo do texto.

A “transição justa” é um pacto econômico, político e cultural. Um novo modelo de sociedade precisa surgir, em todos os âmbitos. Iniciativa pública, privada e sociedade civil organizada, trabalhando em função de mudanças que evitem o colapso climático.

É NESSE LUGAR QUE A CULTURA TEM UM PAPEL FUNDAMENTAL.

A cultura é o espaço onde teorias, caminhos e narrativas são construídas no imaginário humano.

A CULTURA É A PLATAFORMA DO IMAGINÁRIO.

Para evitar o ponto de não retorno ou seja, o colapso climático, o ativismo pode ser uma das principais ferramentas de construção do imaginário da transição.

A COMUNICAÇÃO COMO OBRA DE ARTE O ARTIVISMO

O ativismo, enquanto ação artística, faz parte da cena contemporânea que além de registrar a história, pretende provocar engajamento político e social. A arte ativista encontra espaço nos artistas, coletivos e movimentos. O ativismo se vale de estratégias artísticas, estéticas ou simbólicas para amplificar, sensibilizar e problematizar, para a sociedade, causas e reivindicações sociais.

Atuar coletivamente significa agir no campo da transversalidade, produzir formas de subjetividade, trabalhar com a cooperação e com o interativismo. O ativismo opera em qualquer espaço, mas a cidade, o espaço urbano, local de convívio social em todas as suas dimensões, é o principal palco para ações e intervenções.

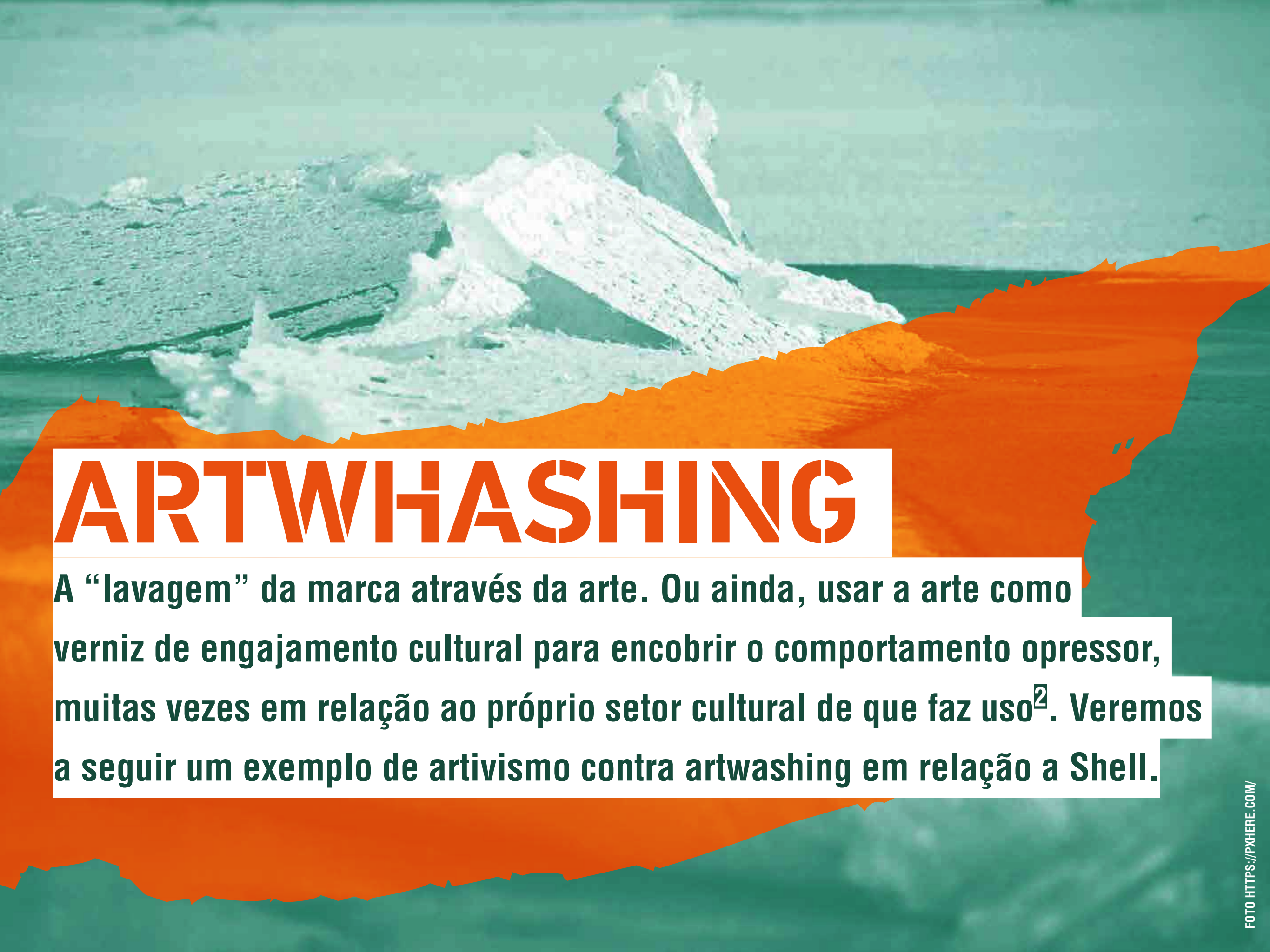
A comunicação como obra de arte, ou a arte vista como meio de comunicação que ocupa

um espaço de mídia radical, causa grande impacto de conteúdo estético e interativo.

A ação do ativista não está ligada somente à retórica, ao discurso engajado, à estética ou à ética do artista – seu envolvimento em questões sociais pode, através de suas práticas, produzir verdadeiras mudanças. “O ativismo é uma estratégia de comunicação para chegar ao público, desviando dos meios hegemônicos que conduzem as narrativas. É um dos meios mais rebeldes de comunicação que ainda nos resta”¹.

Valem aqui duas ressalvas importantes sobre a construção das narrativas em torno do colapso climático:

**O ARTWASHING
E O GREENWASHING.**

The background of the image is a photograph of a large iceberg floating in a teal-colored ocean. The iceberg is white and jagged, with a prominent peak. A large, irregular orange shape, resembling a torn piece of paper or a brushstroke, covers the lower half of the image, partially obscuring the ocean and the base of the iceberg. The text is overlaid on this orange shape.

ARTWASHING

A “lavagem” da marca através da arte. Ou ainda, usar a arte como verniz de engajamento cultural para encobrir o comportamento opressor, muitas vezes em relação ao próprio setor cultural de que faz uso². Veremos a seguir um exemplo de ativismo contra artwashing em relação a Shell.

GREENWASHING

A ativista Greta Thunberg publicou um tuíte sobre a COP 26 afirmando que o evento nem é uma “conferência climática”, mas sim um “festival de *greenwashing*”. Sua tradução literal seria “lavagem verde”, ou mesmo “pincelada verde”. O termo *greenwashing* é utilizado quando uma empresa, organização não governamental (ONG) ou mesmo o próprio governo propaga práticas ambientais positivas e, na verdade, possui atuação contrária ou neutra aos interesses e bens ambientais. Sendo assim, a intenção do *greenwashing* é relacionar a imagem de quem divulga essas informações à defesa do ambiente, mas, na verdade, medidas reais não são de fato adotadas e podem gerar impactos negativos ao meio ambiente.



MICHEL CAMPANELLA/GETTY IMAGES

GRETA THUNBERG, 2018, EM UM DE SEUS PRIMEIROS PROTESTOS: INÍCIO SOLITÁRIO, MAS HOJE COM APOIO DE MILHÕES DE JOVENS, EM UM MOVIMENTO GLOBAL CHAMADO “FRIDAYS FOR FUTURE”.³
ACIMA, O FAMOSO CARTAZ: “GREVE ESCOLAR PELO CLIMA”

CASO SHELL

UMA PEQUENA RETROSPECTIVA DE DENÚNCIAS E CRIMES



AN INJURY TO ONE
★ IS ★
AN INJURY TO ALL
LOCAL 1-128
OCAW

DAS GREVES AO ARTIVISMO

A indústria de combustíveis fósseis nos últimos anos foi responsável por três quartos das emissões de carbono causadas pelo homem no planeta. Ao mesmo tempo, essa indústria mostra muito poder e conhecimento.

1973, EUA

A primeira greve ambiental foi organizada pelo Sindicato dos Trabalhadores em Petróleo, Química e Atômica (OCAW)⁴, por questões de saúde e segurança nas refinarias da Shell. Na época, dados registraram que mais de 100 mil trabalhadores morriam de problemas de saúde ou condições insalubres por ano. Em 1972, os trabalhadores lutavam por melhores condições de trabalho e por acesso a atendimento médico. Nesse mesmo ano, a Shell teve um lucro de mais de meio bilhão de dólares. A primeira “greve ambiental” se deu nesse contexto de denúncias de crimes contra direitos trabalhistas e humanos. O impacto no meio ambiente e na crise climática ainda não era evidente.

OUR LIVES ARE AT STAKE



Mais de 6 cidades e 4 mil trabalhadores aderiram à greve. Um fator muito importante foi a adesão das mulheres ao boicote. As esposas dos trabalhadores, meses depois, aderiram à ação, e produziram uma série de cartazes e manifestações. Através do apoio dos trabalhadores, uniões e grupos (e das mulheres), a organização da greve ganhou a batalha, e a Shell iniciou os processos de acordo a partir das solicitações dos trabalhadores. Essa é uma história muito interessante e na qual vale aprofundar.

2014, EUA

O Greenpeace lançou um vídeo pedindo à empresa de brinquedos LEGO para abandonar sua parceria com a petrolífera Shell. O filme retrata um Ártico feito inteiramente de LEGO e imagina um derramamento de óleo nesta parte do mundo. A Shell planeja perfurar no Ártico com o risco real de um enorme derramamento de óleo que destruiria este ecossistema único. A agência de criação Don't Panic foi a responsável pela criação do filme. Ele apresenta personagens especiais do filme "LEGO", "Game of Thrones" e o favorito de todas as crianças, o Papai Noel. O filme se chamava "Tudo é incrível" e o mote da campanha era "Amamos LEGO. Você adora LEGO. Todo mundo adora LEGO."

A nota do Greenpeace dizia: "Cada empresa tem a responsabilidade de escolher seus parceiros e fornecedores de forma ética. A LEGO afirma que quer deixar um mundo melhor para as crianças e tem uma política ambiental progressiva. Mas tem parceria com a Shell, um dos maiores poluidores do planeta, que agora ameaça o Ártico. É uma decisão terrível e é uma má notícia para as crianças. Estamos convocando a LEGO para defender o Ártico – e as crianças – abandonando a Shell para sempre". Meses depois, a LEGO anunciou que não renovaria seu contrato com a Shell. Foi uma grande vitória. Ainda assim, a Shell continua perfurando petróleo no Ártico.



FRAMES DO VÍDEO

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=QHBLIUQ0_R4&AB_CHANNEL=GREENPEACEINTERNATIONAL](https://www.youtube.com/watch?v=QHBLIUQ0_R4&AB_CHANNEL=GREENPEACEINTERNATIONAL)

2021, BRASIL

No Brasil, protestos artivistas contra a Shell aconteceram durante a greve do clima em 24 de setembro de 2021, em frente à Petrobras no Rio de Janeiro⁵, com participação de grupos e coletivos (o Instituto Internacional ARAYARA, o Observatório do Petróleo e Gás (OPG), o Fridays For Future Brasil, o Families For Future Brasil e o Extinction Rebellion Brasil). As ações se deram através da exposição de cartazes e outras artes, com denúncias sobre os riscos envolvidos na nova onda de exploração de combustíveis fósseis na costa brasileira, demandando a suspensão da 17ª Rodada de Licitações de Petróleo e Gás Natural.

Até o dia 22 de setembro, a ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis) havia qualificado para participar das licitações as empresas 3R Petroleum, Chevron, Karoon, Ecopetrol, Murphy, Petrobras, Shell, Total e Wintershall Dea. Apesar das manifestações, cinco blocos localizados na Bacia de Santos totalizando uma área de 3.425,50 km² foram arrematados na 17ª Rodada de Licitações de blocos para exploração e produção de petróleo e gás natural da ANP. O total de bônus arrecadado no leilão foi de R\$ 37,14 milhões e a previsão do investimento mínimo na fase de exploração é de R\$ 136,345 milhões. Nove empresas se inscreveram, mas apenas duas empresas fizeram ofertas: Shell e EcoPetrol Óleo e Gás.



**# MAR SEM
PETRÓLEO**

2021, HOLANDA

O Coletivo Cultura Livre de Fósseis (Fossil Free Culture)⁶ surgiu há cinco anos como um grupo de artistas, ativistas e trabalhadores culturais que se uniram para acabar com o *artwashing* por empresas de combustíveis fósseis no setor cultural holandês. Uma de suas principais preocupações inicialmente era aumentar a conscientização e criar um diálogo que permitisse às pessoas ver que, apesar do financiamento de instituições culturais, as empresas de combustíveis fósseis causam mais danos do que benefícios.

Uma das performances do grupo aconteceu no Museu Van Gogh com um banner de doze por seis metros, que foi dividido em 44 peças menores como um quebra-cabeça, com 40 participantes. A ação foi orquestrada pelo grupo para gerar uma Foto Impacto, que foi distribuída para a imprensa e para diversos canais de redes sociais. Quatro meses depois, a instituição abandonou seu acordo de patrocínio com a Shell.





O ARTIVISMO

E O DESMATAMENTO DAS FLORESTAS



**A PESAR DA CENA ARTÍSTICA USAR
O CONCEITO DE “ARTIVISMO”
HÁ POUCOS ANOS, OS ARTIVISTAS
ESTÃO AÍ DESDE SEMPRE. POR ISSO,
VALE LEMBRAR E REGISTRAR
OBRAS INSPIRADORAS QUE SEGUIRÃO
NOS GUIANDO NA CONSTRUÇÃO
DE UM IMAGINÁRIO POSSÍVEL DA
EXISTÊNCIA DA VIDA NO PLANETA.**

CONJUNTO DE ESCULTURAS, 1988, PIGMENTO NATURAL SOBRE RAÍZES, CIPÓS E CAULES DE PALMEIRA

REPRODUÇÃO FOTOGRÁFICA FRANS KRAJCBERG



A FLOR DO MANGUE, FRANS KRAJCBERG (EM MEMÓRIA)

Frans Krajcberg foi escultor, pintor, gravador e fotógrafo. O trabalho de Krajcberg denuncia a violência contra a natureza e a devastação das florestas. A matéria-prima de suas obras são raízes e troncos queimados por incêndios provocados em densas áreas verdes para a produção de pastos. O artista recolhia e transformava o material deixado pelo fogo como maneira de pedir socorro em nome da floresta. “Procuro me exprimir com esse material quebrado, assassinado, tudo isso pra mostrar: veja, ontem foi uma bela árvore, hoje é um pau queimado”, dizia. A destruição das matas e as queimadas também foram registradas por Krajcberg em milhares de fotografias.

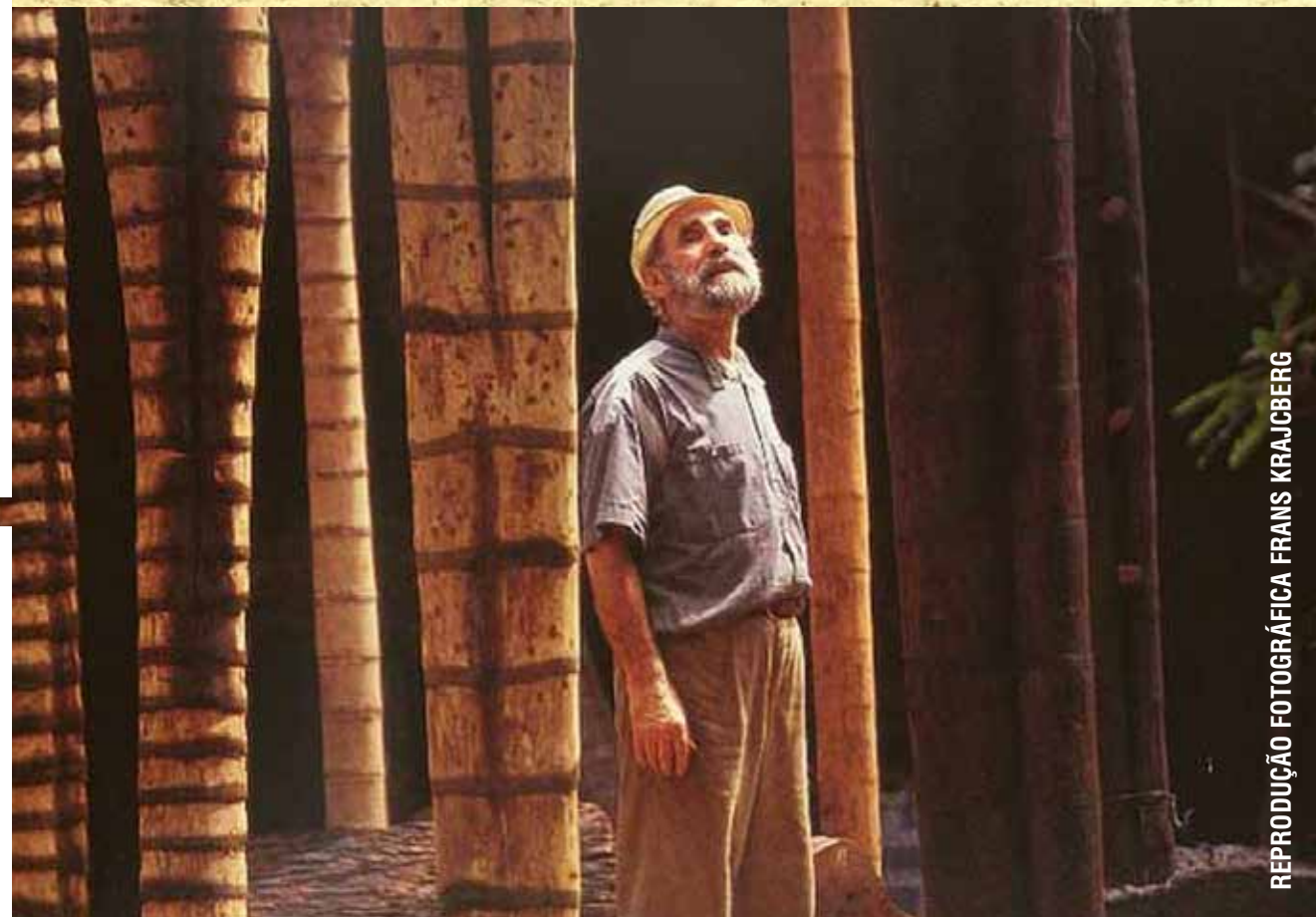
Krajcberg nasceu em Kozienice, na Polônia. Viveu por quatro anos sob o ambiente da Segunda Guerra Mundial. Mudou-se para o Brasil em 1948, após perder toda a família no holocausto. Na década de 1960, morou no interior de Minas Gerais, na região de Itabirito, em uma caverna, de onde extraia os pigmentos para suas tintas. Em seguida, a convite do amigo e arquiteto Zanine Caldas, conheceu Nova Viçosa, no sul da Bahia, onde encontrou um refúgio para a vida. “Eu pensei: quanta riqueza que tem, movimento que tem, que a arte ignora. Fico aqui”, contou no documentário “O grito da natureza”, produzido pela TV Brasil (Empresa Brasil de Comunicação – EBC).

Em 2001, o artista começou a montar seu Museu Ecológico, ainda em Nova Viçosa (BA). Krajcberg faleceu em novembro de 2017, aos 96 anos, deixando seu espaço cultural no Sítio Natura.⁷

A FLOR DO MANGUE, 1970
FRANS KRAJCBERG,
MADEIRA, 900,00 CM X 300,00 CM



REPRODUÇÃO FOTOGRÁFICA ROMULO FIALDINI



REPRODUÇÃO FOTOGRÁFICA FRANS KRAJCBERG

GENEALOGIA DA LUTA, CAROLINA CAYCEDO

Carolina Caycedo volta sua prática para a discussão de contextos impactados por grandes obras infraestruturais de caráter desenvolvimentista. Em sua pesquisa recente, analisa os danos ambientais e sociais atrelados à construção de barragens e ao controle dos cursos naturais da água. Por meio do envolvimento com grupos e comunidades afetadas por essas transformações, a artista investiga ideias de fluxo, assimilação, resistência, representação, controle, natureza e cultura.

FOTO: LENA HAWKINS



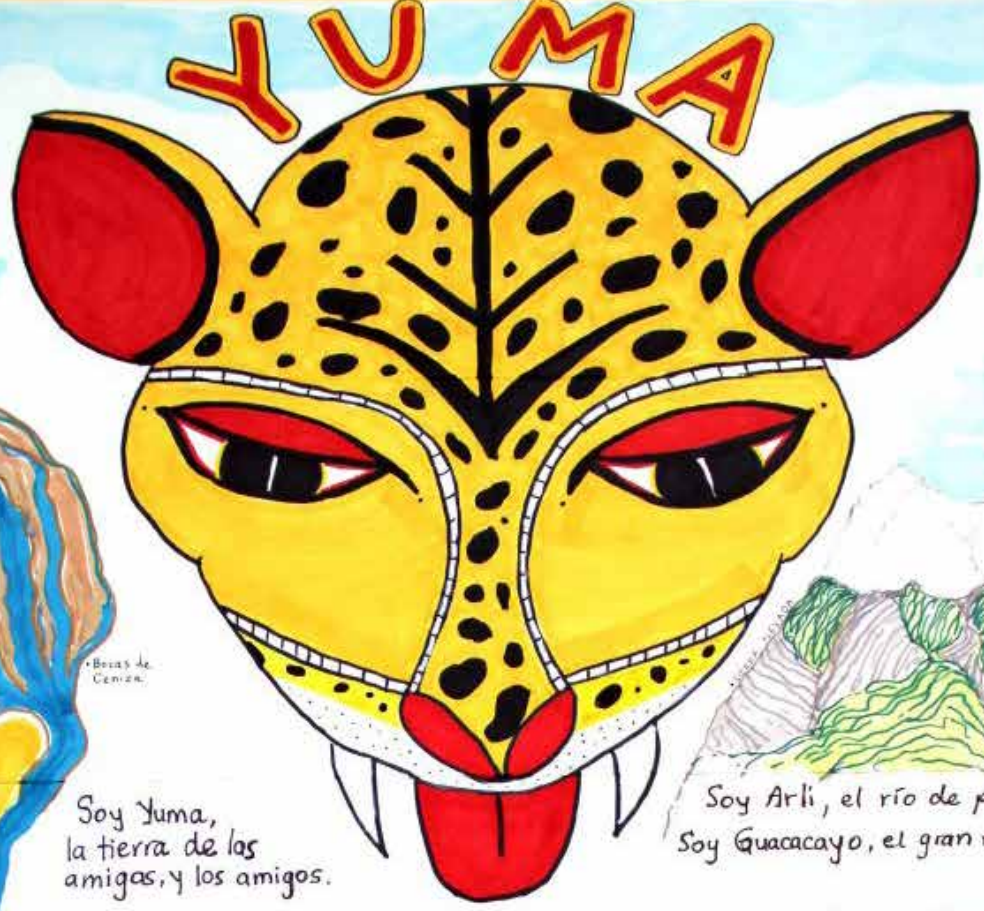


“Genealogia da Luta”, a peça aqui apresentada, pertence a uma série (2017 – em andamento) de desenhos realizados diretamente nas paredes dos espaços expositivos. No formato de uma árvore genealógica, registra os nomes dos ativistas ambientais que foram mortos nos últimos anos e os locais e datas de suas mortes. Sua terra natal, a Colômbia, junto com o Brasil e as Filipinas, são os países com mais incidentes. Embora os Estados Unidos, país onde mora, estejam ausentes da lista, essa omissão reflete uma forma diferente de perseguição, que é o assédio legal aos protetores da água e da terra.⁸ Em cada apresentação, “Genealogia da Luta” se adapta a diferentes contextos, infelizmente adicionando novos nomes às suas folhas e raízes durante a apresentação.



YAQUI, YUMA,
ELWHA, 2016

A GENTE RIO-BE DAMMED [A Gente Rio-Barrado seja] (2016) é um projeto que compreende pesquisas em arquivos, estudos de campo e atividades com comunidades ribeirinhas abaladas pela privatização das águas. **A GENTE RIO** (2016), pesquisa produzida para a 32ª Bienal, trata da vida implicada nesses rios e em suas margens. A obra é composta por distintos elementos, como montagens de fotografias de satélite das usinas hidrelétricas de Itaipu e de Belo Monte e do antes e depois do rompimento da represa de Bento Rodrigues (Mariana, MG); um vídeo feito por Caycedo nessas regiões; tarrafas coletadas durante seus estudos de campo inseridas nos vãos entre os andares do Pavilhão da Bienal; e desenhos que contam as narrativas dos rios Yuma (Colômbia), Yaqui (México), Elwha (EUA), Watu – conhecido como Rio Doce – e Iguaçu (Brasil) **COMO ENTIDADES VIVAS DOTADAS DE HISTÓRIAS PRÓPRIAS.**



Soy Yuma,
la tierra de los
amigos, y los amigos.

Mi cuerpo nace en una pequeña laguna, en donde los páramos forman un nudo
y las quebradas se abrazan en una estrella hídrica.

Atravieso con fuerza la Cordillera de los Andes, y fluyo hacia el norte
cargando cieno y limo, limpiando y reviviendo los valles y los bosques.

Mi boca tiene mil lenguas que depositan densos sedimentos
en el Mar Caribe.

Cerca de mi desembocadura, el Pueblo Tairona fue asolado por
Matambo, un gigante que se comía el maíz y los animales.

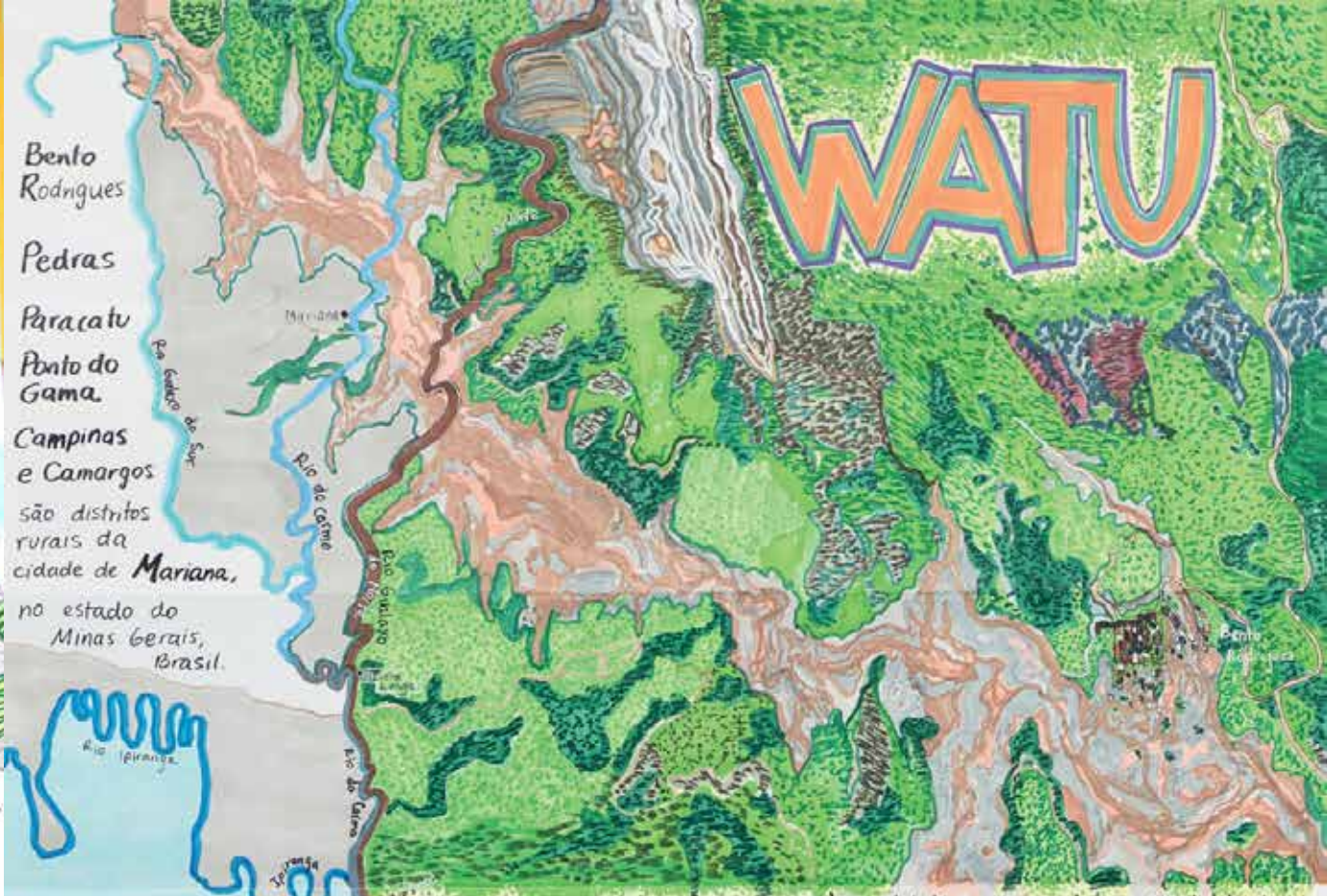
Desesperados, los Tairona invocaron a Mirtayú, su
princesa guerrera, para que detuviera al gigante.

Mirtayú pintó su cuerpo con los colores del
amor universal y enfrentó a Matambo,
quien al ver tanta valentía se
arrodilló ante la princesa,
rendido de amor.



Soy Arli, el río de peces.

Soy Guacacayo, el gran río de tumbas.



WATU



Ali a vida camponesa transcorria com tranquilidade e alegria, até as 4h da tarde
do dia 5 de novembro de 2015, quando se rompeu a barragem de Fundão. A barragem
continha bilhões de litros de detritos da mina de ferro Germano, de propriedade da
empresa Samarco. Não soou nenhuma sirene de aviso, não havia plano de
emergência. O rompimento de Fundão produziu uma avalanche de lama que
desceu com força pelo rio Guaxupé do Norte, acabando com a biodiversidade
cultural dessas populações. Arrasou com Bento Rodrigues, Pedras e Paracatu,
matando a 20 pessoas e deslocando mais de 290 famílias. A lama continuou



até a junção do Guaxupé do Norte com o rio do Carmo, por onde a lama
subiu 7 quilômetros rio acima. Às 2h da madrugada do dia 6 de novembro
a lama chegou à Barra Longa, tomando seus habitantes de surpresa,
destruindo quintais e hortas, a praça principal
do povoado e devorando a bela barra
de areia que dava nome à Barra Longa.



Na manhã do dia 6, a lama
chegou à junção do rio do Carmo
com o rio Ipiranga, onde
começa o rio Doce, e
continuou descendo pelo
rio levando corpos
humanos e de
animais, peixes e
plantas mortas
e minerais
tóxicos que
envenenaram
tudo por
onde
passaram.



A cultura ribeirinha ficou em pausa com a onda da lama.
Já não há água limpa para beber, nem para banhar-se,
nem para o ritual. O trabalho entrou em descanso
forçado. Já não se pode pescar porque todos os peixes
morreram, já não se pode garimpar em busca de ouro, nem
tirar grãos porque a água é tóxica. Os terrenos mais





ENTIDADES, JAIDER ESBELL (EM MEMÓRIA)

Jaider Esbell virou encantado. O artista era curador e um dos principais artistas da 34ª Bienal de São Paulo. Artista, escritor e produtor cultural indígena da etnia Makuxi. Nasceu em Normandia, estado de Roraima, e viveu, até os 18 anos, onde hoje é a Terra Indígena Raposa – Serra do Sol. O artista tornou-se uma das figuras principais da arte indígena contemporânea no país. Combinando pintura, escrita, desenho, instalação e performance, ele entrelaçava mitos indígenas, críticas à cultura hegemônica e preocupações socioambientais.



Intitulada “Entidades”, a obra de Jaider Esbell consiste em duas serpentes de 24 metros de comprimento que flutuaram pela lagoa do Parque Ibirapuera na 34ª Bienal de São Paulo, em 2021.

A obra representa o ser fantástico Îkîimî, que atravessa vários mundos e que não tem começo e nem fim. “Convido as culturas originárias que já perderam sua língua ou tiveram sua conexão perturbada pela colonização a redescobrir o seu próprio idioma. O Brasil não foi descoberto, ele foi invadido e continua sendo saqueado.”⁹ Nós, povos indígenas, nos defendemos de todas as formas, e agora chegamos no campo da arte com argumentos elaborados para tratar destas questões”, disse Esbell. Seu falecimento trouxe uma tristeza profunda a todos que acompanharam e admiravam seus encantos.

A ARTE EM LUTO

Denilson Baniwa coloca sua arte em luto. Nos encaminha carta, acolhe nosso lamento e espanto. ¹⁰ Novembro de 2021

Olá,

espero que esteja firme mesmo nestes tempos difíceis que passamos.

Como deve saber, esta semana fomos surpreendidos pelo encantamento de Jaider Esbell. Desde que eu e ele nos encontramos neste mundo, vivemos e construímos juntos caminhos que penso que foram importantes para a cena que se nota hoje.

Ele foi um amigo a quem eu chamava de maninho, modo carinhoso de chamar irmão na região onde nasci.

Como irmão, nos amamos, brigamos, discutimos, brincamos, viajamos juntos pelo calor e frio do mundo, rimos, choramos,

“bagunçamos o coreto” como dizem por aqui, ficamos sem nos falar, voltamos a nos falar, trabalhamos, pulamos em muitos rios e mares, concordamos com muita coisa, discordamos de outras muitas coisas, mas em uma coisa erámos incorruptíveis: no desejo de construir

uma arte onde pessoas indígenas pudessem ter voz ativa e chances de quem sabe chegar ao topo, lugar onde nunca estivemos antes.

Jaider chegou a esse lugar e o que para os brancos é considerado sucesso (ou a melhor fase de sua carreira, como li em matérias de jornais), para nós dois esse fake-sucesso-branco, foi dia a dia tornando-se um peso. Infelizmente ficou pesado demais para ele,

mas poderia ter sido para qualquer um de nós artistas indígenas. A cobrança de respostas para salvar a arte, a pressão por não falhar em nossa caminhada ou com nossos parentes indígenas, a ininterrupta fome de quem nos vê como uma novidade devorável no mercado,

tudo isso que é considerável sucesso e o auge da carreira é um muro que nos cerca e nos tira do que é mais importante: uma vida saudável.

No momento em que sentimos as mãos do mundo ocidental nos puxar, eu me retirei para desacelerar e pensar sobre o que estava acontecendo. Primeiro foram as redes sociais, que voltei e revoltei, pois, me ligavam, mandavam mensagens como uma exigência de que era preciso estar online o tempo todo, e pior, disponível o tempo todo. Depois deletei meu número e comprei um número novo de celular só para amigos ou para quem eu quisesse dar atenção.

Poucas semanas atrás deletei de novo minhas redes sociais a fim de sair dessa pressão em estar sempre disponível e sendo obrigado a responder como “descolonizar o mundo”. Como se isso fosse nossa responsabilidade, salvar o mundo sozinhos. Como se não fosse uma responsabilidade de todos.

Ah, não! Nós somos obrigados a salvar um mundo que nunca nos quis, mas no momento que precisam nos recorrem e exigem que estejamos à disposição.



Demorou trinta e dois anos para o mundo me dar atenção, eu sei que muitos dos abraços e beijos hoje, só fazem parte da etiqueta social dos brancos. Antes disso só recebíamos desprezo desse mundo. Mas, esse sangue indígena que guarda rancor, mas ao mesmo tempo quer amar o mundo, nos faz aceitar essa etiqueta branca. Estive com Jaider semana passada, conversamos pouco pois nossos e-mails estavam lotados, nossa caixa de mensagem estava lotada, nossos horários estavam lotados. Mesmo todo dia juntos, do café da manhã à hora de dormir, por uma semana inteira conversamos pouco. E nas poucas conversas nossas reclamações eram as mesmas, a vontade de socar a cara da próxima pessoa que nos pedisse uma webreunião. Jaider estava cansado. Eu estou cansado. Nós estamos cansados. O que é postado nas redes sociais não representa o quanto de dor estamos passando diariamente. O Jaider Esbell fora do online não era o postado. O Denilson Baniwa fora do online não é de longe o que vocês veem em lives. Quantas lives eu fiz forçando estar bem para não deixar ninguém preocupado. Quantas lives literalmente eu fiz doente, com febre, com dor. Mas isto não era postado. E eu, e com certeza Jaider não fazemos isso pra agradar branco ou pra ficar famoso, o motivo principalmente era pra construir um caminho para outros indígenas, construir possibilidades para os nossos. Éramos o espelho para quem é indígena ainda sonha em ser artista ou ser qualquer coisa diferente da realidade horrorosa que jovens e crianças indígenas vivem hoje. Nos forçamos a estar disponíveis para um mundo que enquanto baniwa eu acredito: para aqueles que ainda irão nascer. Mas isso pesa. Deste modo, peço com muito respeito ao Jaider e aos artistas indígenas passados-presentes-futuros que cuidemos que esse caminho aberto por nós nunca seja interditado, nunca deixe o mato cerrar. Que nós, eu e você limpemos o caminho sempre e que num futuro próximo seja mais fácil de caminhar nele. Cuidemos da memória de Jaider Esbell. E principalmente, cuidemos para que seja mais leve o caminhar, o nosso e de outras pessoas. Pois entendendo que se o sucesso e topo a que tanto lutamos, tem como resultado a tragédia, sinto que preciso pensar ainda mais sobre que tipo de arte indígena eu tenho que construir. E se a recepção que o mundo da arte ocidental nos deu, levou um de nós ao grave fim, preciso pensar ainda mais em que tipo de relação quero manter com a arte ocidental. Eu vou desacelerar ainda mais, até o ponto que seja um cooper e não um triathlon. Meu trabalho continuará em honra de Jaider Esbell, assim como era em memória de tantos outros parentes indígenas antes de mim. Se é pela arte que resistiremos, vai ser pela arte. Mas da minha parte ela não será para satisfazer a fome de nenhum glutão da arte. Com carinho e admiração.



Denilson Baniwa

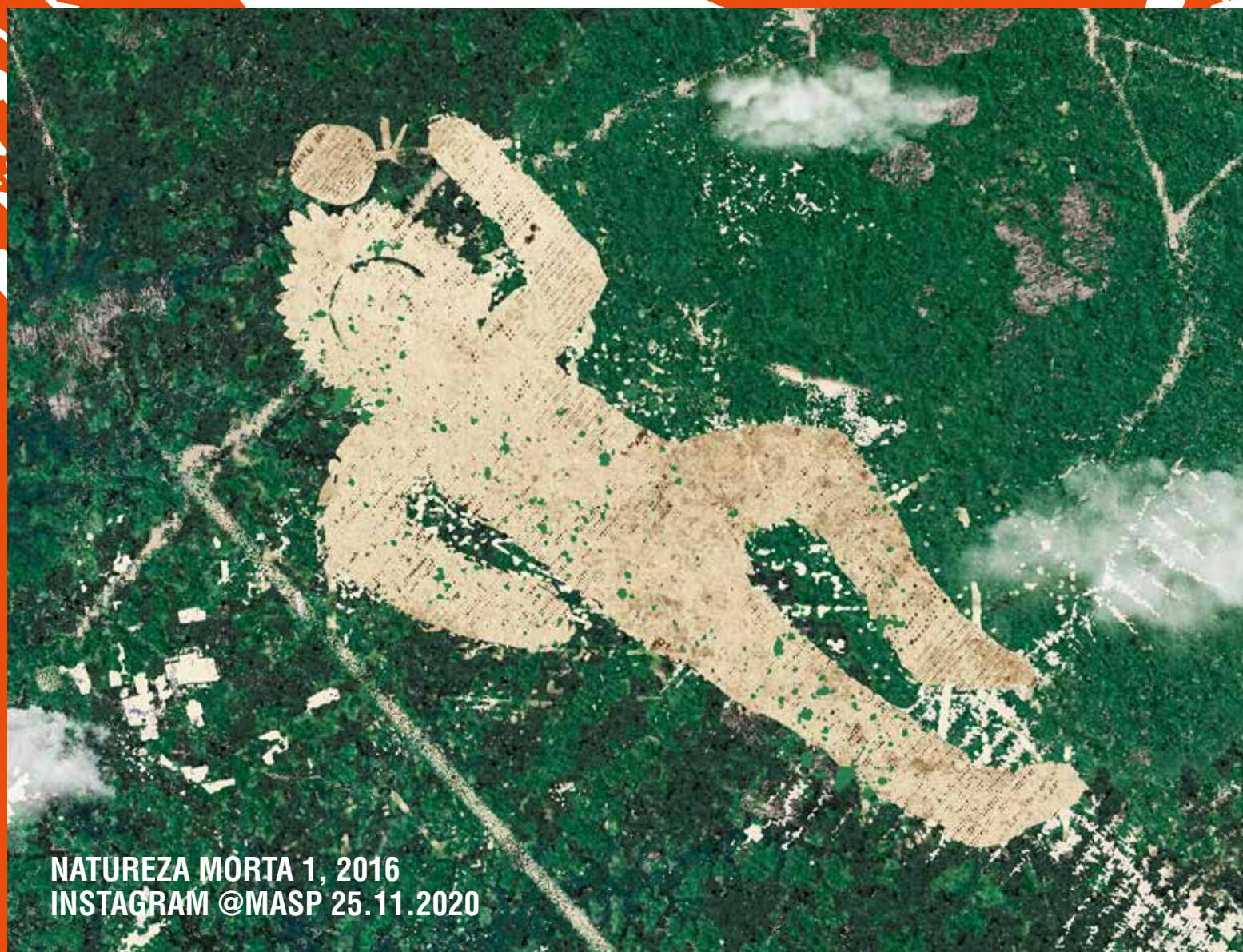




NATUREZA MORTA, DENILSON BANIWA

É um artista brasileiro que inspira a busca por uma cultura decolonizadora. É indígena do povo Baniwa e, utilizando linguagens ocidentais, cria novos contextos para decolonizá-las em sua obra. O artista, em sua trajetória contemporânea, consolida-se como referência, rompendo paradigmas e abrindo caminhos ao protagonismo dos indígenas no território nacional.





“‘Natureza morta 1’, montagem fotográfica na qual o artista delineou a silhueta de um pajé com uma pose que sugere uma dança cerimonial a partir da colagem de imagens de satélite de áreas desmatadas da floresta Amazônica. O título da obra remete ao gênero de pintura holandesa do século 17 que se destacou pela representação virtuosa de mesas exuberantes e cheias de fartura (a natureza) prestes a receber seus comensais, mas cujo caráter perecível dos alimentos e

outros objetos ali dispostos também simbolizava a finitude da vida (a morte) e a futilidade desses prazeres humanos. Diante da silhueta-fantasma do pajé na floresta, a natureza-morta de Baniwa ganha literalmente contornos de denúncia contra o desmatamento e o genocídio dos povos indígenas promovido pela exploração desenfreada da Amazônia.”, Olivia Ardui, curadora assistente, MASP, 2020.

BRIGADISTA DA FLORESTA, MUNDANO

O desmatamento também é pauta do artista Mundano. Cinzas, restos de árvores e animais carbonizados foram a matéria-prima para as tintas usadas pelo artista Mundano para pintar o painel no centro da cidade de São Paulo, denominado “Brigadista da Floresta”, 2021. A obra traz luz sobre a destruição dos grandes biomas brasileiros, que estão literalmente sendo reduzidos a cinzas.

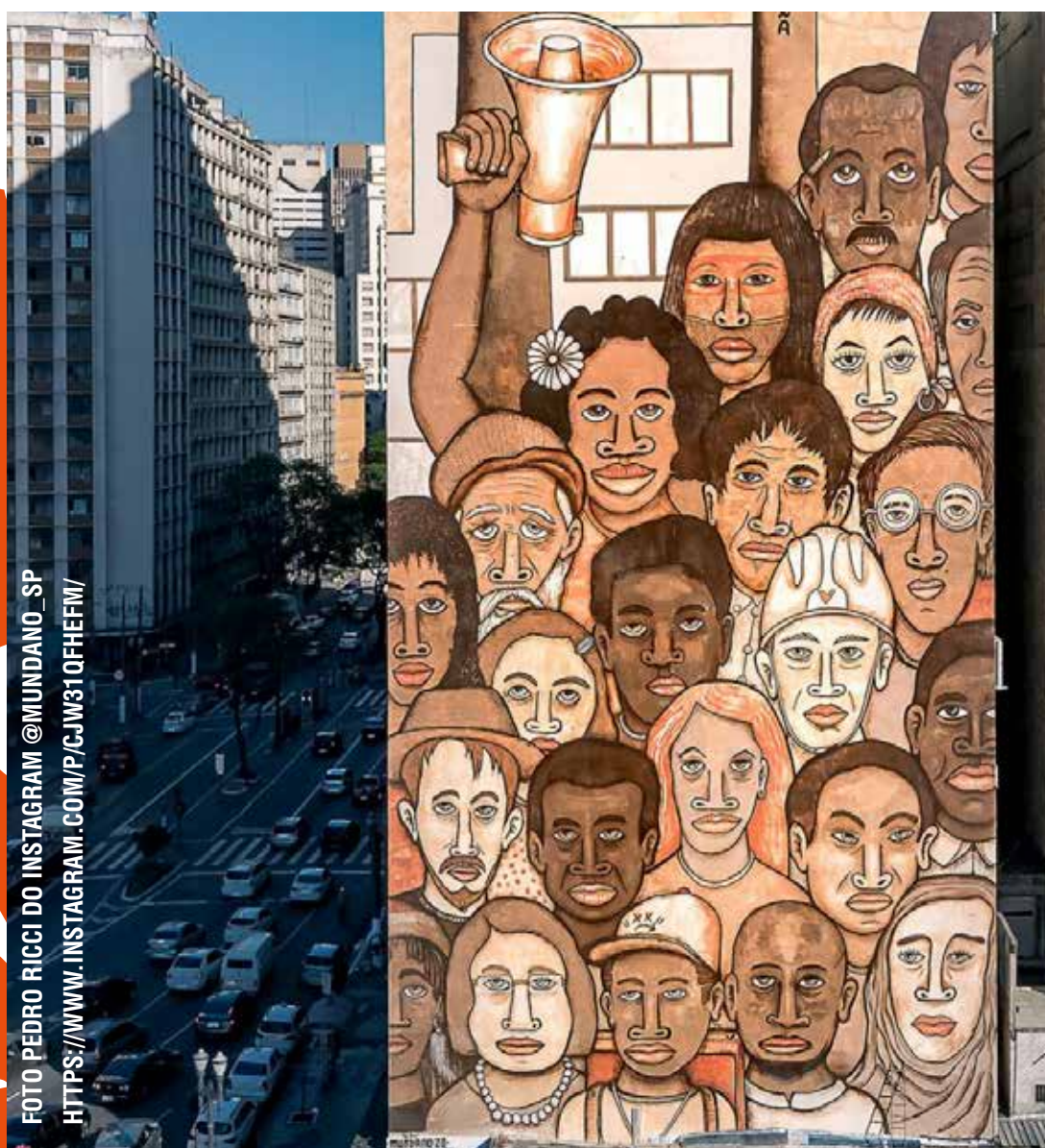
O “Brigadista da Floresta” é uma releitura de uma obra muito representativa do Brasil pintada por Portinari: “O Lavrador de Café”, 1934. Possui um trabalhador negro como protagonista, uma árvore cortada e a paisagem de uma monocultura que tem ligação direta com o desmatamento.



FOTO SATO DO BRASIL



O início do projeto multimídia foi uma expedição que percorreu 10 mil quilômetros por 4 biomas: Amazônia, Pantanal, Cerrado e Mata Atlântica, para buscar conhecimento, histórias e inspirações. O painel de mil metros quadrados ficou pronto em outubro de 2021, e o documentário do projeto deve sair em 2022. A cada ano, as queimadas de florestas aumentam no Brasil. Nos últimos dois anos, o país bateu novos recordes e foi impressionante. O Pantanal perdeu 30% de todo o bioma, queimado em apenas um ano.



Outra obra do ativista Mundano que também usa resíduos de crimes ambientais é o mural “Operários de Brumadinho”, 2019, releitura da obra obra “Operários”, de Tarsila do Amaral. A obra fica no centro de São Paulo e foi produzida com a tinta da lama da barragem de Brumadinho. O rompimento da barragem em Brumadinho em 25 de janeiro de 2019 foi o maior acidente de trabalho do Brasil em perda de vidas humanas e o segundo maior desastre industrial do século. Foi um dos maiores desastres ambientais da mineração do país¹¹.

A stylized illustration of a river scene. In the upper left, a crocodile with a patterned body swims in blue water. In the lower left, a person is partially visible, surrounded by green foliage. The background features a large, bright orange shape that resembles a map of South America, with the text 'O ARTIVISMO E A LUTA' overlaid on it. The text is in a bold, white, sans-serif font. The overall style is graphic and artistic.

O ARTIVISMO E A LUTA

Muitos e muitas artistas poderiam ter sido mencionados nesta pesquisa, porque cada vez mais a arte ocupa um papel fundamental na luta. “Diversas combinações possíveis entre o fazer artístico e cultural com pautas urgentes, que através do uso da criatividade ampliam a consciência e a discussão dessas pautas. A transição do ‘anormal’ contemporâneo para esse mundo ‘fantástico’ obviamente não vai acontecer de um dia para outro, aliás podemos sair da pandemia em situações muito piores. A crise climática mundial é a pauta que mais exigirá esforços criativos e de imaginação política para superarmos. Mas há uma potência de transformação na confluência de ativismos com a cultura, ou seja, no Artivismo, que desperta a esperança na transição de imaginário”.¹²

Jonaya de Castro

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 DOWNING, John D. H., *Mídia Radial: Rebeldia nas Comunicações e Movimentos Sociais*. 2a ed. – São Paulo: Editora Senac, 2004.

MESQUISTA, André. *Insurgências poéticas: arte ativista e ação coletiva*. Disponível em: http://www.espiral.fau.usp.br/arquivos-artigos/2008- dissertacao_Andre_Mesquita.pdf. Acesso em: 13 jul. 2015. _____.

Arte-Ativismo: Interferência, coletivismo e transversalidade. Disponível em: [https:// exerciciodacritica.files.wordpress.com/2009/05/arteativismo1.pdf](https://exerciciodacritica.files.wordpress.com/2009/05/arteativismo1.pdf). Acesso em: 31 jul. 2015.

PALLAMIN, Vera. *Do lugar-comum ao espaço incisivo: dobras do gesto estético no espaço urbano*. Disponível em: [http://www.usp.br/fau/fau/ensino/docentes/deptecnologia/v_pallamin/textos/lugarcom um/ do_lugarcomum_ao_espaco_incisivo.pdf](http://www.usp.br/fau/fau/ensino/docentes/deptecnologia/v_pallamin/textos/lugarcom%20um/do_lugarcomum_ao_espaco_incisivo.pdf). Acesso em: 20 ago. 2015

2 <https://www.ft.com/content/479cb6b2-a0af-11e8-85da-eeb7a9ce36e4>

3 <https://www.instagram.com/fridaysforfuture/>

4 <https://www.marxists.org/history/usa/workers/ocaw/1973/shell-strike.pdf>

5 [https://www.observatoriodopetroleo.org/organizacoes-protestam-contralicitacao-para-exploracao-de-petroleo-na-costa- brasileira/](https://www.observatoriodopetroleo.org/organizacoes-protestam-contralicitacao-para-exploracao-de-petroleo-na-costa-brasileira/)

6 <https://fossilfreeculture.nl/>

7 <https://www.funarte.gov.br/artes-visuais/funarte-comemora-centenario-de-nascimento-de-frans-krajcberg/>

8 <https://www.instagram.com/lacaycedo/>

9 https://www.instagram.com/jaider_esbell/

10 <https://jornalistaslivres.org/a-arte-em-luto/>

11 https://pt.wikipedia.org/wiki/Rompimento_de_barragem_em_Brumadinho

12 *Interativismo e o papel da arte e da cultura na transição do imaginário*, Jonaya de Castro, página 208 https://issuu.com/itaucultural/docs/obs28_final_issu

CONDÔ CULTURAL - INADIÁVEL FUTURO

Bruna da Matta Sarubo

Carol Grespan

Conrado Lessa

Daise Cerqueira

Daniela Caielli

Eneida Sanches

Géssica Arjona

Giselle Rocha

Jonaya de Castro

Kako Guirado

Luanah Cruz

Luiz Renato Ferreira

Maurício Schneider

Max Huszar

Sâmia Maracaípe

Tábata Arjona

AGRADECIMENTOS

**Felix Toro, Julian Fuchs, Karine Legrand
e equipe do Goethe-Institut São Paulo.**